

**O CORPO FEMININO E O ENVENENAMENTO CULTURAL:
AS OBSESSÕES NA BUSCA DO PADRÃO DE BELEZA FEMININO COMO
FOCO DE ANÁLISE**

Tiago de Brito Ferreira Santos¹

Universidade Federal de Sergipe

Fabio Zoboli²

Universidade Federal de Sergipe

**A MULHER E OS PADRÕES DE BELEZA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA
CULTURA**

O corpo analisado sob o viés do masculino e do feminino transcende a sua dimensão biológica. A simples observação dos órgãos externos no ultrassom de uma gestante já vai apontar a identidade sexual – enquanto corpo biológico – da criança analisada. No entanto, sabe-se que para se tornar homem ou mulher não basta possuir as genitálias de um ou de outro e as demais características biológicas desse corpo físico, para se tornar homem ou mulher faz-se necessário também se apropriar de padrões/significados/comportamentos considerados adequados ao masculino e ao feminino.

O corpo enquanto fator de cultura necessita de uma teia de significados que o revista de uma determinada identidade. A partir disso, apontamos que corpo e cultura possuem uma relação direta entre si, já que o corpo é uma entidade complexa que atinge várias áreas, sendo tema de estudo por diversos ramos da ciência e originando diversos

¹ Graduando de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Membro do grupo de Pesquisa CEMEFEL Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer de Sergipe na Linha de pesquisa “Corpo e Cultura”. Email: Tiagopaulista10@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia- UFBA. Membro do Grupo de pesquisa CEMEFELL Centro de Memória da Educação Física, Esporte e lazer de Sergipe - UFS. Email: zobolito@gmail.com

conceitos que variam de acordo com a concepção e característica de cada ciência. Variação esta que consideramos complementares, e não excludentes dada a complexidade anunciada acima.

O corpo é objeto de curiosidade desde os primórdios da humanidade, é o principal instrumento identificador do homem, pois com ele é que nos posicionamos diante da sociedade e nos sujeitamos ou repelimos culturas sociais. As marcas corporais manipuladas através de simbologias, vestimentas, tatuagens e uma infinidade de outras manifestações que se pode aplicar ao corpo, no sentido de se apropriar de uma determinada identidade. Identidade esta que gera significações e estabelece comunicações, sejam elas identidades parecidas ou contrárias, edificando assim todo um sistema social. Neste sentido o corpo é considerado como elemento de linguagem na medida que comunica, que posiciona, que carrega vivo dentro de si toda uma rede de significados.

Ler, dissecar, analisar, anatomizar, enfim, semiotizar o corpo, corresponde a construir o corpo-texto como discurso, o corpo passa então a poder ser considerado o resultado do acto de uma instância enunciativa determinada, que realizou a semiosis, dando conta da significação do corpo. (BÁRTOLO, 2007, p. 36).

Percebe-se desta forma que a cultura é algo em continua metamorfose, ela pode se manifestar e se materializar de várias formas, como por exemplo, nos padrões de beleza feminino: através de uma roupa, através de um adorno, da utilização de um determinado produto cosmético e principalmente através de índices de corpulência.

Ao se pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas. (DAOLIO, 2003, p. 36).

Neste sentido, mencionamos que o corpo como fator de cultura – como entidade direta da interação social das pessoas – é ao mesmo tempo instrumento e vítima de “sacrifícios” para uma melhor aceitação na sociedade. O corpo pode servir como fonte

de observação tanto do fracasso como do sucesso, se tornando protagonista diante da relação social. Os significados que o corpo carrega dentro de um contexto cultural, vem carregado de valor simbólico e estes valores simbólicos estabelecem relações de poder na medida em que classificam hierarquicamente estes signos. Assim se constroem corpos com poderes simbólicos em contrapartida a corpos estigmatizados:

De fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que ampliamos os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator. (LE BRETON, 2006, pág.10).

Ainda sob este viés, mas com foco específico ao contexto feminino, Del Priore (2000) cita que:

Mais do que nunca, a mulher sofre prescrições. Agora, não mais do marido, do padre ou do médico, mas do discurso jornalístico e publicitário que a cerca. No início do século XXI, somos todas obrigadas a nos colocar a serviço de nossos próprios corpos. Isso é, sem dúvida, uma outra forma de subordinação. Subordinação, diga-se, pior do que a que sofria antes, pois diferentemente do passado, quando quem mandava era o marido, hoje o algoz não tem rosto. É a mídia. São os cartazes da rua. O bombardeio de imagens na televisão. (pág. 15)

Isso fica materializado no caso de muitas mulheres que chegam a obter prestígio social, o que gera uma notoriedade que alavanca um maior julgamento da sua imagem, essa que quando bem aceita pelo grande público, via mídias sociais, por exemplo, acaba sendo alvo de veneração ao ponto de se copiar o tal visual. Exemplo disso são as modelos de passarela ou atrizes televisivas que são responsáveis muitas vezes por colocar no mercado um padrão de beleza, algo que é inerente e necessário ao trabalho delas, mas que denota em influenciar as infinitas mulheres que as visualizam.

Essa tendência vem se confirmar com Kate Moss que, nos anos 90, decretou o fim das curvas nas passarelas e editoriais da moda, e foi seguida e copiada por legiões de adolescentes em busca da perfeição da beleza às custas de pouca comida e ginástica desenfreada e compulsiva. (BOHM, 2004, Pg. 20)

Na busca de um reconhecimento social a partir do corpo belo muitas mulheres se apropriam de hábitos agressivos a sua própria saúde: pesados regimes, horas a fio se submetendo a prática de atividade física, desejo desenfreado de fazer cirurgias de reparação plástica e lipoaspiração. Muitas mulheres estabelecem padrões e se afinam a alcançar, mesmo que colocando em risco sua saúde, de forma que o conceito saúde passar a ficar nebuloso para estas pessoas, pois a insatisfação com o corpo passa a ser visto como uma espécie de “doença”, onde por muitas vezes as mulheres se expõem a métodos arriscados. Em troca da sua saúde que esta vinculada a satisfação do seu corpo que implica numa auto-estima em decorrência do encaixe corporal com o padrão desejado na sociedade.

A preocupação com o corpo conquistou um lugar de destaque na mídia e, igualmente, nas experiências de lazer, associando-se cada vez mais intimamente ao terreno das artes. Há uma proliferação crescente de espaços e técnicas para o cultivo de um corpo saudável e jovem, assim como a banalização da idéia de que os prazeres físicos devem não apenas ser valorizados mas incessantemente fomentados em todos os lugares e momentos do cotidiano. (DEL PRIORE *in* STREY, M.N. & CABEDA, S.T.L. 2004, Pg. 111)

Toda a subjetividade tragada culturalmente pelas mulheres atende aos interesses de toda uma lógica mercadológica que se aproveita do poder de influência de mecanismos como filmes, novelas e propagandas que estão inseridos na nossa cultura, e que por conseqüência acabam por influenciar diretamente no modo de ser das pessoas. Modo esse muitas vezes imperceptível, pois ele acontece de modo inconsciente. A mulher é subjetivada por uma necessidade de beleza e a partir de então ela começa uma busca para materializar tal subjetivação.

Aqui entra a indústria/mercado para suprir essa demanda exacerbada de mulheres insatisfeitas. A mulher na ânsia de ser bela busca o consumo de mercadorias com o objetivo de se apropriar de tal padrão de beleza. Essa realidade é bem notória na atualidade, prova disto é uma pesquisa elaborada em 2011 pela rede franquias de estética facial e corporal *Onodera* com cerca de 3.500 entrevistadas das classes A, B e C, entre 18 e 60 anos. Constatou-se que 92% das mulheres acreditam que as outras

mulheres reparam em suas imperfeições corporais e somente 8% esta satisfeita com seu corpo, além do mais se percebeu que em 69% das mulheres, a barriga é a parte que mais incomoda. 53% delas se consideram acima do peso e a principal preocupação delas em relação à beleza é o medo de engordar com 36%.

Desta forma se torna nítido a quão impregnado está o padrão de beleza feminino pela idéia mercadológica do consumismo em detrimento da satisfação estética, o que acarreta um movimento cíclico de oferta e demanda que parece só crescer, graças ao lucrativo negócio que é o corpo feminino.

Em uma sociedade de consumo a estética aparece como motor do bom desenvolvimento da existência. O hábito não faz o monge, mas quase... A feiúra vivida como um drama. Daí a multiplicação de fábricas de "beleza", cujo pior fruto é a clínica de cirurgia plástica milagrosa. Os pagamentos "a perder de vista" com "pequenos juros de mercado" parecem garantir, graças a próteses, a constituição de corpo: formal, mecânico, teatral. Corpo que é a efígie do desejo moderno, desejo derrisório de uma perpétua troca das peças que envelhecem, de nádegas a coxas e panturrilhas (DEL PRIORE. 2001, Pg.21)

A MULHER E O ENVENENAMENTO CULTURAL: ALGUMAS MANIFESTAÇÕES

Como visto acima, a mulher é fortemente atravessada pelos padrões de beleza impostos pela cultura, padrões estes que cada vez mais são signos de valor social. Frente a essa cultura muitas mulheres acabam por criar comportamentos neuróticos em relação a busca/consumo destes padrões de beleza. Quando anunciamos em nosso título de que o corpo é envenenado culturalmente estamos anunciando de que o corpo não é só envenenado quando a estrutura biológica do mesmo, cria mecanismos de repulsa e luta contra um alimento estragado ou contaminado. O corpo enquanto sede de signos é também envenenado por um sem fim de subjetivações.

Toda fala que tenha como foco o "endeusamento" da beleza vai nos remeter historicamente a um Deus da antiguidade grega: **Narciso**. Conta o mito que no dia de seu nascimento o adivinho Tirésias professou que Narciso teria vida longa desde que

jamais contemplasse sua própria figura. Narciso se achava tão belo que desdenhava suas pretendentes. Uma ninfa graciosa chamada Eco se apaixonou em vão por Narciso, pois ele rejeitou sua afeição e então Eco desesperada definhou e morreu de melancolia.

Os deuses comovidos por Eco condenaram Narciso a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo. Então um dia, enquanto caminhava pelos jardins, Narciso viu sua imagem no lago e então se apaixonou profundamente por si próprio, inclinou-se cada vez mais para o seu reflexo na água, acabou por cair na lagoa e se afogar.

Narciso tem seu nome derivado da palavra grega *narc* que significa “entorpecido”. O mito de Narciso surge de uma superstição grega segundo a qual contemplar a própria imagem prenunciava má sorte, o mito possui um simbolismo que fez dela uma das mais duradouras da mitologia grega.

Em uma cultura onde a aparência é o primeiro elemento a ser julgado pela sociedade, é de se pensar que conseqüências acabam surgindo, diante desta visão adotada. Já que a estética esta supervalorizada e é uma idéia impregnada em nosso cotidiano.

A representação do corpo como “matéria-prima” ou como máquina imperfeita e frágil que pode ser reconstruída e tornada “perfeita” pela ciência/tecnologia complexifica ainda mais este cenário. (STREY, M.N. & CABEDA, S.T.L. 2004, Pg. 315)

O ÔNUS DO CULTO AO CORPO BELO

A partir disso vamos agora descrever algumas manifestações onde podemos visualizar o exagero e a exacerbação do corpo feminino na apropriação do belo. As manifestações enumeradas aqui serão tratadas como distúrbio de comportamento dentro de um contexto social amplo no que tange ao cuidado para com o próprio corpo na busca dos padrões de beleza.

ANOREXIA

A anorexia aparece como uma das conseqüências de toda esta assimilação conceitual pela qual estamos expostos, digo conceitual a partir da idéia de mediação e aceitação dos interesses industriais. Além de poder ser explicada como oriunda de um caráter psicológico ou social, ela também pode ser genética.

Diversos fatores favorecem o aparecimento da doença: predisposição genética, o conceito atual de moda que determina a magreza absoluta como símbolo de beleza e elegância, a pressão da família e do grupo social e a existência de alterações neuroquímicas cerebrais, especialmente nas concentrações de serotonina e noradrenalina. (VARELA, 2012)

Através desta breve definição da anorexia, podemos perceber o quão de responsabilidade possuem a mídia e o mercado industrial destinado à estética. Já que um médico que por obviedade deveria possuir uma visão biologicista da doença, se utiliza de todo um contexto de intervenção subjetiva para na sua visão definir a doença, que de fato possui outros fatores, que não só o biológico.

Anorexia é um transtorno que perpassa pela deturpação da pessoa em relação a sua imagem corporal, muito em detrimento do bombardeio subjetivo ao qual somos expostos, como supracitado na segunda pagina deste escrito, pois o corpo também é utilizado para nos relacionarmos e estabelecermos socialmente. Por exemplo, podem-se citar os comuns relatos de pessoas que são julgadas por sua aparência numa entrevista de emprego, ou para ser mais emblemático, eu pergunto se alguém já viu mais de dez vendedoras obesas, entre essas lojas que trabalham com moda em Shopping? Acho que se avistarmos uma, já será uma proeza.

Sabemos que, na contemporaneidade, a beleza teve seu valor de troca reforçado, e até em alguns casos, aparentemente, transformou-se de intermediação em meta final de um determinado projeto existencial... nas estratégias de reconhecimento social das mulheres, o corpo e uma bela imagem corporal, entretanto, continuam como suportes por excelência de identificação feminina. (CABEDA in STREY, M.N. & CABEDA, S.T.L. 2004, Pg. 319).

Mas o que isso tem a ver com anorexia? Penso que tudo, pois esse tipo de situação é frequente em nosso cotidiano, e alimenta essa simbologia da magreza como estereótipo de beleza, garbo e elegância. Uma simples exposição a uma situação dessas relatada pode ser o gatilho para o despertar de uma doença como a anorexia.

BULIMIA

É o pavor de engordar, Muito em detrimento da pressão sócio-cultural arraigada na pessoa, que quando se alimenta se senti culpada por não se aproximar de atingir o anseio de corpo perfeito, nutrindo assim um sentimento de culpa, que muitas vezes vem associado a um quadro depressivo.

A bulimia nervosa caracteriza-se por grande ingestão de alimentos com sensação de perda de controle, os chamados episódios bulímicos. A preocupação excessiva com o peso e a imagem corporal levam o paciente a métodos compensatórios inadequados para o controle de peso como vômitos auto-induzidos, uso de medicamentos (diuréticos, inibidores de apetite, laxantes), dietas e exercícios físicos. (CORDÁS, 2004)

VIGOREXIA OU SÍNDROME DE ADÔNIS

Com a sociedade cultuando determinadas estruturas corporais, surgiu com a apreensão subjetiva dessa ideologia, os excessos para nos adequarmos a tais anseios. Pois isso significa autoestima elevada para quem consegue atingir.

O culto a magreza como sinônimo de beleza ao publico feminino é visto de forma reversa na sociedade para o publico masculino, onde busca-se a contemplação ao corpo com músculos bem desenvolvidos.

A Vigorexia, mais comum em homens, se caracteriza por uma preocupação excessiva em ficar forte a todo custo. Apesar dos portadores desses transtornos serem bastante musculosos, passam horas na academia malhando e ainda assim se consideram fracos, magros e até esqueléticos. Uma das observações psicológicas desses

pacientes é que têm vergonha do próprio corpo, recorrendo assim aos exercícios excessivos e à fórmulas mágicas para acelerar o fortalecimento, como por exemplo os esteróides anabolizantes. (BALLONE 2004)

Apesar de haver um grande número de pessoas preocupadas com a aparência, as vezes até rotuladas de metrossexuais, para se chegar a um diagnóstico que se enquadre como um distúrbio, é preciso se configurar uma obsessão e sofrimento da pessoa para melhorar determinada parte do corpo, atrapalhando e modificando seu cotidiano. No caso da Vigorexia, será algo voltado para a questão muscular, configurando assim o Transtorno Dismórfico Muscular.

[...] as pessoas que treinam exaustivamente, não apenas para se sentirem bem, mas para ficarem estupendos e perfeitos, são sérios candidatos ao diagnóstico de Vigorexia. Normalmente essas pessoas estão dispostas a manter uma dieta rigorosa, a tomar fármacos e a treinar duro para conseguir seu objetivo. Elas perdem a noção de sua própria corporeidade e nunca param ou ficam satisfeitos. (BALLONE, 2004)

Ainda na Vigorexia é importante caracterizarmos que o sujeito possui uma imagem pessoal de fraco, em detrimento dessa deturpação de imagem, acaba recorrendo a substâncias anabolizantes.

Deve-se ressaltar que apesar da predominância deste distúrbio em um público masculino, existem também casos em indivíduos do sexo feminino, onde algumas pesquisas apontam ser em decorrência da característica praiana de algumas cidades. Como maior exemplo o Rio de Janeiro, cidade que possui um alto índice de garotas frequentadoras de academia que buscam deixar seu corpo tonificado, sendo alguns desses corpos exagerados.

Para explicar isso podemos pensar em fatores como a mídia propagando o sucesso de “mulheres frutas” que quase sempre possuem um padrão de exagero em suas curvas, ou até mesmo as rainhas de bateria, que em sua maioria possuem um corpo muito tonificado, regado a dietas que podemos considerar radicais. Para exemplificar podemos citar a artista Adriana Bombom que em relato a *Revista Época* em 2009, afirmou que durante os três meses que antecedem o carnaval ela come apenas batata

cozida e clara de ovo. A cada duas horas em porções de 25 gramas. Ainda segundo ela no começo da um tremendo mau humor.

Sendo ela uma pessoa famosa, tida como bem sucedida e *sexy simbol* pela sociedade, acaba servindo de espelho para as mulheres “comuns”, que se encantam diante do poder simbólico do corpo alheio. Até mesmo algumas manchetes de sites que flagram algumas famosas “marombadas” na praia e publicam: “Pegando bronze e mostrando um belo corpaço”, são elementos que persuadem as mulheres a se sacrificarem pelo corpo belo.

ORTOREXIA

É mais uma das que podemos considerar “patologias culturais”, trata-se de uma fixação em monitorar a alimentação apenas com produtos considerados saudáveis. Segundo Bratman (1997). Os ortoréxicos buscam se sentir puros, saudáveis e naturais.

Geralmente eles repudiam produtos gordurosos e industrializados ou até mesmo por um comentário negativo de algum produto, acabam por eliminar este do seus hábitos alimentares.

Ballone (2004). Ainda aponta que os acometidos de Ortorexia gastam grande parte do seu tempo, planejando, comprando e preparando suas refeições.

MOMMYREXIA ou PREGOREXIA

É uma palavra criada nos Estados Unidos que pode ser considerada como a “anorexia da mamãe”, mas em alguns artigos publicados também é usado o termo Pregorexia para descrever o mesmo transtorno.

Trata-se da insatisfação da imagem corporal da mulher durante a gravidez, fazendo com que as gestantes tentem controlar o peso durante o período de gestação. O que segundo a Dra. Rosario em depoimento ao *Jornal Brasil on-line* em 2012 indica que o estado nutricional da gestante comprometido pode gerar uma gravidez de risco, gerar um parto prematuro ou ser prejudicial ao bebê.

Ou seja, a pressão pelo corpo belo já ando afetando a outras vidas, além dos que se submetem a essa ideia do corpo perfeito.

TANOREXIA

Antigamente uma pele mais bronzeada, dentro das teias de signos da sociedade, remetia a uma ideia de pessoas trabalhadoras, típicas de zonas rurais e que não é alvo de uma *Mimesis*, por parte da sociedade.

Mas como vivemos em uma cultura mutável, que vive em constante transformação. Eis que o bronzeamento passou a ser sinônimo de sensualidade, basta olharmos revistas sensuais, que constataremos a famosa “marca de biquíni”, como se fosse um adorno obrigatório do corpo feminino.

A obsessão por um corpo bronzeado é chamado de Tanorexia que afeta principalmente mulheres de 20 a 30. Elas nunca se sentem satisfeitas com seu bronzeado, e na ânsia de atingir sua inatingível tonalidade de pele, já que ela nunca se satisfará, acaba se expondo ao sol sem a devida proteção, de forma muito além do que se recomenda, fazendo uso até produtos auto bronzeadores.

Segundo o site *Desporto e saúde*, por ano cerca de 100 pessoas morrem no Reino Unido em decorrência de bronzeamentos artificiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo foi apontar para uma cultura em que a aparência virou essência, onde não existe fuga, e quem não se adéqua a um padrão de beleza, é taxado pelos olhares julgadores, como fracassado.

A estética não pode mais estar acorrentada a padrões impossíveis de se chegar, este é o verdadeiro carma. Pois o número de “patologias culturais” só vem aumentando e cada vez mais exóticas, todas devido a este poder simbólico que o “corpo belo” inatingível exerce diante da sociedade.

Portanto espera-se que este trabalho sirva de contributo para reflexão e futuros trabalhos que abordem esta temática tão atual.

REFERÊNCIAS

- BÁRTOLO, José. **Corpo e Sentido** – estudos intersemióticos. Coleção Estudos em Comunicação. Livros Labcom, 2007. ISBN 978-972-8790-71-4.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 2003 - (Coleção Corpo e Motricidade).
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006. ISBN: 85-326-3327-7.
- BOHM, C. **Um Peso, Uma Medida**. O padrão de beleza apresentado por três revistas brasileiras. Projeto de graduação do curso de Comunicação Social, Universidade Bandeirante de São Paulo, 2004.
- DEL PRIORE in STREY, M.N. & CABEDA, S.T.L. **Corpos e Subjetividades em Exercício Interdisciplinar**. Coleção gênero e contemporaneidade. (Orgs). Porto Alegre : EDIPUCRS, 2004.
- DEL PRIORE, M. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo: Contexto. 2001. ISBN 85-7244-189-1.
- BALLONE, GJ - Vigorexia - in. **PsiquWeb**, internet, disponível em <<http://gballone.sites.uol.com.br/alimentar/vigorexia.html>> revisto em 2004. Acessado em 22/02/12 às 23h43min.
- CORDÁS, T.K. SALZANO, F.T. RIOS S.R. Os transtornos alimentares e a evolução no diagnóstico e no tratamento. In: PHILIPPI, S.T.; ALVARENGA, M.
- CORDÁS, T.K. – Transtornos Alimentares: Classificação e Diagnóstico, internet, disponível em <<http://urutu.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol31/n4/154.html>> Acessado em 27/02/12 às 01h:13 min.
- ESCOLÁSTICO, R. - Pregorexia ou Mommyrexia: A anorexia das mães, internet, disponível em <<http://robertaescolastico.blogspot.com.br/2012/03/pregorexia-ou-mommyrexia-anorexia-das.html>> Acessado em 28/03/12 às 04h:47min.
- VARELA, D. – Anorexia Nervosa, internet, disponível em <<http://drauziovarella.com.br/wiki-saude/anorexia-nervosa/>> Acessado em 02/03/12 às 03:32h